

Primeira Guerra Mundial

1. O contexto europeu

A expansão do capitalismo em sua fase imperialista demandou a contínua exploração das colônias.

Potências centrais da Europa passam a disputar a expansão e/ou a manutenção de colônias na África e Ásia.

A tensão resultante desta disputa envolveu diretamente a Alemanha e a França.

2. Conflitos pré-guerra

Crise Marroquina (1905)

França e Alemanha disputavam o controle sob Marrocos.

Tensão provocou o envio de tropas dos dois países para a região.

Mediação internacional resultou em acordo com a França controlando o Marrocos e a Alemanha recebendo o Togo.

Guerras Balcânicas (1912/13)

Região dos Balcãs vivia forte tensão nacionalista e buscava romper com o domínio do império Turco-Otomano.

Além disso os estados buscavam definir fronteiras e viviam sob influência do Império Austro-Húngaro.

Duas guerras são travadas ampliando o potencial de crise da região.

A crise marroquina acontece quando Marrocos decide fazer um protetorado e tanto a França quanto a Alemanha querem o controle da região. A crise marroquina é o alarme para a eventual guerra e demonstra que a linha entre paz e guerra está se tornando cada vez mais frágil e tênue.

Mesmo quando a crise Marroquina é acalmada, por intervenção da Espanha e dos EUA, ainda persiste a tensão histórica dos Balcãs, onde todos querem aumentar suas fronteiras e onde se encontrava uma população muito heterogênea. Muitos búlgaros, por exemplo, viviam na Sérvia, mas se prendiam as suas próprias tradições culturais, recusando até a obedecer as leis do país em que estavam. Casos como esse levam a vários conflitos étnicos na área, o que por sua vez fazem as pequenas nações dos Balcãs buscarem alianças políticas com as grandes potências do continente.

3. Projetos nacionais

Inglaterra

Ligar o norte da África ao Sul mediante ferrovias (impedido pelo controle alemão da África oriental, desde a Conferência de Berlim);

Tomar do Império Turco-Otomano a região do Oriente Médio;

Quebrar a economia alemã.

França

Retomar a Alsácia-Lorena perdida na Guerra Franco-Prusiana de 1870/71;
Revanchismo contra a Alemanha.

Havia uma grande paranóia dos franceses quanto a Alemanha, que culminou no chamado caso Dreyfuss, quando um capitão francês foi descoberto por vender informações a Alemanha, mas como ele era relacionado a nobreza prenderam seu companheiro de mesa, que era judeu. Então um escritor francês Émile Zola escreve uma carta aberta onde acusa o estado francês de usar o anti-semitismo para nutrir a paranoia contra a Alemanha.

Itália

Queria incorporar a região da Istria ao seu território. Era uma região do Império Austro-Húngaro, mas na qual viviam em sua maioria italianos.

Rússia

Defesa do pan-eslavismo, isto é, da supremacia e liderança russa sobre os povos eslavos da Europa;

Buscava também tomar do Império Turco-Otomano a região dos estreitos de Bósforo e Dardanelos, para garantir a sua saída para o mar ao sul.

Sérvia

Apoiava as pretensões russas na Europa Oriental;

Desejava incorporar em um único estado os povos sérvios, e para isso teria que enfrentar o controle austríaco sobre as regiões da Croácia e da Bósnia.

O grande sonho sérvio era a criação de um grande estado para todos os eslavos (a Iugoslávia), mas teriam que convencer os outros povos eslavos (croatas, bósnios, eslovenos), que temiam a supremacia sérvia, e muitos preferiam estar sob o jugo do Império Austro-Húngaro.

Alemanha

Defesa do pangermanismo, isto é, da união entre os povos germânicos e o direito de divulgar a cultura germânica;

Aprofundar os laços políticos e econômicos com o Império Turco-Otomano, através da construção da ferrovia Bagdá-Berlim.

Império Turco-Otomano

Buscava manter seu domínio sobre o Oriente Médio e evitar a partilha de suas terras, assim como combater os movimentos nacionalistas que surgiam em seu território.

Império Austro-Húngaro

Aproximação com a Alemanha (pangermanismo)

Buscava manter seu império territorial contra as sublevações nacionalistas que ocorriam em seu interior.

Lutava para manter a sua posição de grande potência europeia.

Cada Estado ou nação tinha projetos antagônicos que só poderiam ser resolvidos com a Guerra.

4. As Alianças

A importância do equilíbrio bélico entre as potências europeias provocou um rearranjo na diplomacia do continente, surgindo blocos de alianças formadas por uma série de tratados bilaterais que buscavam a proteção mútua.

Blocos:

Tríplice Entente: França, Inglaterra, Rússia.

Tríplice Aliança: Alemanha, Áustria e Itália (a Itália não apoiava a guerra da Aliança, alegando que o pacto que possuíam era apenas defensivo, e em 1915 a Inglaterra lhe oferece um acordo de troca de lado com prometendo apoiá-la na busca de seu projeto nacional, e a Aliança chama então o Império Turco-Otomano para substituir a Itália).

A Primeira Guerra foi a primeira guerra importante do mundo industrial. A primeira que inova com aquilo que a indústria tem de melhor, a primeira onde é usado o avião, o tanque, o navio de guerra e o canhão moderno. As tropas iam para o campo de trem, o símbolo da Revolução Industrial.

5. O início do conflito

O assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando em Sarajevo por um nacionalista sérvio membro do grupo terrorista da Mão Negra põe os Balcãs no foco da atenção europeia, levando ao ponto de ebulição as tensões nacionalistas que existiam na região. Após a insistência do Império Austro-Húngaro de conduzir as investigações sobre o assassinato com a sua polícia em território sérvio, uma clara afronta a soberania do país, a Sérvia chama o seu aliado Rússia para ajudar no conflito contra os austríacos. Esses por sua vez, chamam os seus aliados alemães. A introdução da Alemanha na guerra impulsiona os franceses, ainda doloridos por sua derrota em 1871 e cientes de que o primeiro a se mobilizar teria a maior chance de vitória. A declaração de guerra da França leva a Alemanha a movimentar tropas para a Bélgica, país neutro, o que força a Inglaterra a declarar guerra contra o *reich*. Com a entrada da Inglaterra o sistema de alianças bilaterais é acionado tornando o conflito localizado em uma guerra mundial.

6. A sociedade e a guerra

A União Sagrada foi um movimento de partidos socialistas que vão apoiar a guerra na busca de ganhar influência dentro das estruturas do governo de seu países. A doutrina marxista, entretanto, dizia que a revolução socialista deveria ser internacional e a nação era na verdade uma construção da sociedade burguesa para dominar o proletário. Até Lênin aparece

nesse momento para dizer que a guerra é um conflito imperialista e os trabalhadores não deveriam fazer parte da luta. A União Sagrada, porém, prevalece pelo menos no início do conflito, com muitos partidos socialistas que antes eram internacionais se nacionalizando e impedindo a resistência proletária contra a Guerra Mundial.

Como a maioria dos homens são recrutados para o conflito, as mulheres acabam por assumir os cargos de produção e gerenciamento da economia durante a guerra. Melhor remuneradas, começam a consumir mais, estimulando a criação de um mercado específico de consumo voltado à população feminina. Ao mesmo tempo, essa participação das mulheres aumenta a pressão do movimento sufragista, que buscava o direito do voto universal para o sexo feminino.

7. A Guerra

1ª Fase: A guerra de movimentos (1914-15)

Melhor preparada e equipada, a Alemanha consegue avançar pelo território francês e belga visando conquistar Paris (o chamado Plano Schlieffen). Entretanto, na Batalha do Marne, a França consegue barrar o avanço alemão no meio de seu território. Ao ser barrada e forçada a parar a mobilização, a Alemanha perde sua principal vantagem, a velocidade, levando a um empate militar e encerrando a guerra de movimentos.

2ª Fase: Guerra de Posições ou de Trincheiras (1915-17)

Após as movimentações iniciais as grandes potências se encontram em um impasse pois nenhuma consegue ganhar vantagem sobre a outra. Assim, começam a cavar trincheiras pelo continente para fortificar suas posições e lutar uma guerra de atrito. A ideia era conseguir resistir mais do que o inimigo, forçando eles a terem que assinar um tratado de paz. Ou seja, nesse momento não estão mais interessados em dominar pontos estratégicos para garantir o fim da guerra, e sim em pressionar a sociedade inimiga a ter que sair do conflito.

Ao mesmo tempo, a Alemanha empreende um guerra submarina, afundando navios britânicos tanto militares quanto mercantis, com o intuito de quebrar a economia inglesa, impedindo que ela conseguisse continuar na guerra de atrito. Entretanto, a marinha inglesa se provou mais capaz do que a Alemã, e a economia inglesa, mesmo enfraquecida, se manteve. Em retaliação, a Inglaterra faz um bloqueio naval aos portos alemães, com grande sucesso. Ao longo da guerra, esta ação provocou um grave desabastecimento da economia Alemã, agora presa aos meios terrestres (que por sua vez estavam também atingidos pela guerra de trincheiras), afetando profundamente o esforço de guerra alemão e, talvez até mais importante, o cotidiano da sociedade.

3ª Fase: 1917

Em 1917, os EUA entram na guerra do lado da Entente, alterando o equilíbrio bélico que havia levado ao impasse. Os motivos de entrada dos EUA advém do fato de que a guerra estava começando a afetar a sua economia, pois os países europeus, seus principais compradores, não estavam mais em condições de fazer comércio com a potência americana. Ao mesmo tempo, diversos setores dentro da sociedade civil e política dos EUA, com fortes

ligações ao antigo continente, pressionaram o presidente à declaração de guerra. Ao mesmo tempo, a Rússia é sublevada por uma revolução socialista que mata a família real e força o país a sair da guerra.

O fim da guerra

Muitos fatores contribuíram para o fim do conflito: o envio de tropas e armas pelos EUA em apoio à Entente; o desgaste da sociedade com o conflito e seus custos humanos e materiais; esgotamento da capacidade industrial bélica; a propaganda socialista em favor da paz após a Revolução Russa de 1917; o desgaste da sociedade alemã; a deserção em massa dos soldados de ambos os lados, que não viam o motivo de uma guerra tão sangrenta e custosa que não parecia ter um fim possível.

Os EUA entram na guerra e trazem consigo uma poderosa indústria que ainda não havia sido desgastada pelo conflito, explicitando aos Aliados que a vitória decisiva seria quase impossível. O próprio exército, americano, tendo entrado na guerra tardiamente, estava jovial e energizado, diferente do que restava dos batalhões europeus. Isso é evidenciado na última grande batalha da guerra, a Batalha de Argonne, onde um batalhão americano se perde, é cercado por alemães, mas cavam trincheiras e se defendem dos ataques com tanto sucesso que eventualmente os alemães que se encontram cercados e são forçados a se render.

O povo europeu vai ficando cada vez mais cansado da guerra, dos seus sofrimentos e sacrifícios. Os alemães em especial, afetados pelo bloqueio marítimo inglês, veem seus ânimos murcharem completamente. Ao mesmo tempo, a grande indústria europeia, que impulsionou o mundo a era das máquinas por sua potência produtiva, atinge o seu ponto máximo de tensão e é forçada a escolher entre a produção de bens de consumo e subsistência e artigos militares. Ao mesmo tempo a União Sagrada acaba, e a propaganda socialista passa a ser absolutamente contra o conflito. Influenciada pela Revolução Russa de Lênin, os grupos socialistas passam a dizer que do outro lado da trincheira não está o seu inimigo, mas sim o seu irmão proletário. Mais e mais os soldados baixos começam a perceber que eles têm mais em comum com os outros soldados baixos do outro lado do conflito do que com seus próprios superiores e oficiais, em geral aristocratas e burgueses, levando a motins e deserções em massa em todos os lados das trincheiras.

Percebendo o desgaste das sociedades europeias, os americanos inventam um plano que consistia em lançar panfletos de aviões nas principais cidades alemãs que detalhavam os chamados 14 pontos para a Paz do Presidente Woodrow Wilson. Esse conjunto de propostas visavam garantir uma “paz justa e harmoniosa” que evitasse novos conflitos, e foram muito bem recebidos pela sociedade alemã, já completamente desgastada e agora em desvantagem. Dentre eles, estavam: preservar o território alemão; não quebrar a economia alemã; evitar indenizações pesadas; defesa do princípio do nacionalismo; criação de um organismo diplomático mundial para garantir a paz (Liga das Nações). Esses pontos apetezem muito a população alemã, que já estava às beiras de uma crise social e econômica sem precedentes e viram nos 14 pontos um caminho de saída seguro do conflito. No final, o que os alemães buscaram fazer com a Inglaterra e com a França aconteceu com eles. A Primeira Guerra Mundial não termina com uma grande batalha ou com uma grande conquista, como esperavam os alemães no início do conflito ao buscar capturar Paris. Ela termina pois o próprio

povo europeu não conseguia mais encontrar as forças para lutar. A Rússia já havia se retirado e a guerra havia causado nela uma Revolução Socialista, o terror de todos os estados capitalistas imperialistas. A França e a Inglaterra, mesmo que bem posicionadas, viam cada vez mais os custos da guerra aumentarem e seus grandes impérios colônias começavam a rangir diante das imensas pressões econômicas engendradas pelo conflito. O auge do desgaste acontece quando, em Novembro de 1918, os alemães se levantam em revolta contra o governo do Kaiser Friedrich Wilhelm II, destituem a monarquia, fundam uma república, a República de Weimar, que tem como primeiro ato a abertura de negociações de paz com a Entente e os EUA. Essas negociações entretanto, não seguem em nada os 14 pontos propostos pelo Presidente Wilson. As lideranças da França e da Inglaterra, amarguradas por anos de conflitos, usam essa oportunidade para exercer uma espécie de vingança contra a Alemanha, que consideravam como a principal culpada pelo conflito já que desde 1871 a existência dela como Estado havia posto em cheque o tênue equilíbrio ensaiado pelo Concerto da Europa no século XIX.

8. Tratado de Versalhes (1919)

O Tratado de Versalhes expressou a posição anglo-francesa que culpabilizava exclusivamente a Alemanha pela guerra, ignorando a opinião de especialistas e do presidente americano e impondo pesadas sanções e indenizações sobre a recém criada república alemã.

As principais medidas do tratado foram: o pagamento de indenizações pela guerra por parte da Alemanha; o retorno da Alsácia-Lorena para a França; a tomada da região do Ruhr da Alemanha pela França, que passou a administrá-la; a retirada de todas as colônias da Alemanha em África e em Ásia; a redução das forças armadas alemãs; perda de território alemão para a Polônia, criando o chamado corredor polonês, entre muitos outros.

Ao mesmo tempo, outros tratados, como o Neuilly, Trianon, Sevres, Saint-Germain e Lausane vão acertar a paz com os antigos aliados da Alemanha. Deles resulta o desmembramento do Império Austro-Húngaro e Turco-Otomano, fazendo nascer uma série de novos países na europa, no primeiro caso, e dividindo o território do Oriente Médio entre as potências vencedoras, no segundo caso. Os tratados do fim da Primeira Guerra refletem a ira e o amargor dos líderes do continente após anos de conflito.

9. Consequências da Primeira Guerra Mundial

- I. O Tratado de Versalhes e os tratados complementares tiveram um caráter punitivo e foram usados para enfraquecer a Alemanha e desmontar os antigos impérios do continente. Ele gera o revanchismo alemão e infla o nacionalismo no país, que vai ser usado futuramente pela extrema-direita que via na República de Weimar uma traição do povo alemão.
- II. Fim dos Impérios Multinacionais: O Sacro-Império Russo, o Império Austro-Húngaro e o Império Turco-Otomano deixam de existir. As últimas ligações do mundo europeu com o Antigo Regime se dissolvem, e as antigas monarquias do continente, depois de um século lutando contra a onda incessante do “progresso” inaugurada desde a Revolução

Francesa, finalmente caem, e a época onde reis e rainhas decidiam o futuro do mundo chega, finalmente, ao fim.

- III. Ascensão econômica dos EUA: a indústria americana não foi ferida e se desenvolveu graças a fraqueza das outras economias durante e depois da guerra.
- IV. Criação da Liga das Nações, que tinha como objetivo garantir a paz, mas não possuía nenhum mecanismo coercitivo para tal. Até a inclusão não era obrigatória, e tão diferente foi essa Liga das Nações do que tinha imaginado o presidente Wilson, que os EUA se recusam a participar. No final, era apenas um órgão simbólico.

A causa imediata da Primeira Guerra Mundial, isto é, o assassinato do Arque-Duque Austro-Húngaro Francisco Ferdinando pelo grupo nacionalista sérvio da Mão Negra, é conhecimento comum no mundo atual. No entanto, as causas estruturais do conflito ainda são fonte de intensos debates teóricos. Por um lado, parece inegável a influência do desenvolvimento capitalista liberal e do imperialismo econômico para o quadro no qual acontecerá a Guerra, mas ela se deflagrou somente após um movimento que deveu mais diretamente ao nacionalismo radical do que ao liberalismo clássico. Da mesma maneira, é difícil não perceber que todos os beligerantes no conflito, salvo a França, eram comandados por aristocracias, muitas delas baseadas no latifúndio, as quais formavam grande parte do oficialato da Guerra. Até nos líderes dos Estados essa permanência do Antigo Regime parece ser gritante: Nicolau II, Imperador da Rússia, era genro de Wilhelm II, Kaiser da Alemanha, e todos os dois, junto com George V da Inglaterra, eram netos da estimada Rainha Vitória, e todos faziam parte de anciãs famílias europeias, com títulos, brasões e muitos outros adereços específicos da nobreza, como também se pode dizer de Franz Joseph I da Áustria e de Victor Emanuele III da Itália. A Primeira Guerra Mundial foi um conflito no qual ao menos três visões de mundo se embateram, em lados alternantes, e cujos compositores pecavam exatamente, pois não possuíam uma unidade ideológica nas suas fileiras, e foi precisamente isso que contribuiu para o horror absoluto da conflagração.

Não obstante as suas raízes, unas ou múltiplas, a Primeira Guerra Mundial abalou profundamente os espíritos europeus, e, logo, mundiais, que foram confrontados com o conflito mais irracional e sanguinário da história conhecida, surgido de um sistema que se orgulhava mais do que qualquer outra coisa do seu domínio da lógica natural e das luzes da razão. Primeiramente, pois ele se difundiu por todo o mundo, geograficamente, vide o nome: ao contrário de ter sido um conflito no qual todos os países se envolveram (mesmo que tivesse sido de fato um grande número), foi um conflito que aconteceu em todos os continentes do mundo, com a exceção da América. Um cidadão francês na Argélia não precisava se preocupar com os alemães durante a Crise Marroquina, mas agora não havia escapatória: ou se abdicava da “civilização”, ou você estaria em um lugar dominado pela guerra. Adicionando à barbárie, o oficialato europeu, ainda preso às estratégias aristocratas de combate, não possuía a tecnologia abstrata para se utilizar das novas ferramentas de matança que surgiram junto com os avanços da produção e do comércio. Ainda pensavam nas Guerras Napoleônicas. Por esse motivo, os campos de Verdun e do Somme foram banhados com o sangue de milhões de soldados alemães, franceses e ingleses que eram comandados pelos seus superiores, distantes da realidade bruta do mundo, para marchar em linha reta, sem apoio blindado ou

aéreo, em direção às trincheiras inimigas, equipadas com metralhadoras, arames farpados e artilharia pesada.

Por esse mesmo motivo, da atrocidade absoluta, a Primeira Guerra não teve um fim certo. Os soldados, vindo de camadas sociais enormemente distantes das realidades hegemônicas imperialistas, capitalistas ou aristocratas, não viam o motivo para lutar. Ao contrário da Segunda, que foi selada definitivamente quando os soviéticos marcharam sobre Berlim e os americanos atomizaram Hiroshima e Nagasaki, a Primeira Guerra Mundial não terminou definitivamente. Com certeza, a entrada dos Estados Unidos no fim da Guerra foi essencial para a rendição alemã, mas apenas isso. Antes dela, as taxas de deserção nas fileiras de todos os beligerantes eram imensas, e a guerra havia encontrado um stand-still, pois as buchas de canhão percebiam sua condição e se recusavam a lutar. Foi durante toda a sua duração um conflito de atrito, e chegou a tal ponto que suas ferramentas de atrição não mais funcionavam.

Ainda tentando se reconciliar com a destruição apocalíptica que havia acontecido em seus territórios, os capitalistas tiveram de lidar também com o nascer feroz de um governo que era, literalmente, a antítese de sua existência, e que ganhava forças em um ritmo assustador. Os grandes impérios multinacionais se desfaziam, e nas colônias asiáticas e africanas da Europa já estavam a assoprar os ventos do nacionalismo e da revolta. Os Estados Unidos começavam a tomar conta do horizonte, e a Alemanha se afunda numa profunda crise. Os espíritos ficaram incertos sobre o futuro: estava selada definitivamente a Era de Ouro do capitalismo liberal, e da Europa.